

ENTREVISTA COM GRAÇA GRAÚNA, ESCRITORA INDÍGENA E PROFESSORA DA UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Entrevistada por:
Tarsila de Andrade Ribeiro Lima (Mestra em Literatura Brasileira)

Maria da Graças Ferreira Graúna, mais conhecida como Graça Graúna, é escritora indígena (povo potiguara / RN) e professora da Universidade de Pernambuco (UFPE). Ao longo de sua carreira publicou os livros *Flor da mata* (2014), *Contrapontos da Literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), *Criaturas de Ñanderu* (2010), *Tear da palavra* (2007), *Tessituras da terra* (2001) e *Canto mestizo* (1999). Em abril de 2015, Graça Graúna esteve na UERJ para participação em banca de defesa de dissertação e para ministrar a palestra "A palavra indígena sempre existiu", ocasião em que também ocorreu o lançamento do livro *Memórias do movimento indígena do Nordeste*. Aproveitamos a oportunidade para fazer uma entrevista, que Graça nos concedeu de forma gentil e carinhosa. Conversamos sobre a questão indígena no Brasil e sobre a literatura ameríndia, hoje em crescente presença no mercado editorial.

PALIMPSESTO

Primeiramente, agradeço em nome da UERJ e da Revista Palimpsesto sua disponibilidade em nos conceder essa conversa, uma grande oportunidade para discutirmos as questões indígenas e sabermos um pouco mais da literatura escrita por autoras e autores indígenas. Gostaria de iniciar perguntando o que é "ser índio" para um indígena de acordo com a sua visão? Sabemos que o termo "índio", nascido a partir da perspectiva do não índio e de um equívoco de Colombo, foi utilizado para designar povos

com modos de vida peculiares, contribuindo para generalizações de grupos étnicos e disseminações de preconceitos. O que é ser “índio” na visão do próprio índio?

GRAÇA GRAÚNA

Tenho recebido da UERJ, por meio dos Departamentos de Educação e Letras, muito carinho e atenção aos meus escritos. À UERJ, sou muito agradecida pelos convites para participar de encontros literários, debates, bancas de defesa, seminários e outros eventos relacionados à história e à cultura indígena. Essa relação amistosa tem me permitido conversar acerca do nosso ser e estar no mundo. De Norte a Sul, de Leste a Oeste, tenho percorrido por Universidades brasileiras, onde tem lugar o incentivo a estudos e pesquisas acerca dos povos indígenas. Infelizmente, também ocorre no meio universitário, em geral, nos depararmos com pessoas que trazem uma visão estereotipada acerca do indígena. Até compreendo que isto ainda aconteça, pois o/a estudante, em geral, ainda carrega os “ensinamentos” de uma educação bancária. Entendo que essas pessoas não foram incentivadas a respeitar o ser indígena, a estudar e pesquisar acerca dos diferentes povos originários deste país. Infelizmente, os equívocos de Colombo ainda perduram; pois muitos ainda carregam a noção de que nós indígenas somos preguiçosos, dissimulados, ignorantes; tratam a nós indígenas como se fôssemos seres irracionais e invisíveis; querem falar por nós, escrever por nós. Infelizmente muitos desconhecem que ser indígena é também se apresentar – quando necessário – como protagonista de sua própria história. Ser indígena é ter consciência da autonomia do grupo a que pertence e de si mesmo. Sempre que me perguntam o que é ser índio, me vem à memória uma série de pensamentos que ouvi, que li, que intuí de diferentes lideranças indígenas. Se me permite, posso sublinhar alguns exemplos:

- “Posso ser o que você é, sem deixar de ser o que sou”. (Marcos Terena, povo Terena/MT);

- “Antes nós não sabíamos que tínhamos limites, só sabíamos que tudo era floresta... Agora demarcamos nossa área porque é só o que sobra dos lugares antigos” (Kumai, povo Waiampi, Amapá);
- "Não digo: eu descobri essa terra porque meus olhos caíram sobre ela, portanto a possuo. Ela existe desde sempre, antes de mim." (Davi Yanomami, pajé e líder do povo Yanomami);
- No dia em que não houver lugar para o índio no mundo, não haverá lugar para ninguém” (Ailton Krenak, povo Krenak/MG);
- "Nós os índios, sempre dançamos nas nossas cantorias, como forma de manter a unidade do nosso povo e a alegria da comunidade. Se a gente cantar e dançar, nós nunca vamos acabar" (Verônica Tembé, povo Tembé);
- "A preservação da cultura indígena, em vez de barrar o progresso, como dizem alguns caçadores de índio, estará salvando nosso país da destruição de muitos valores, provocada por essa selvagem civilização tecnocrata" (Margarida Tapeba, povo Tapeba).

PALIMPSESTO

Gostaria que nos falasse um pouco sobre a questão da tutela e de que forma isso influencia a vida dos povos indígenas.

GRAÇA GRAÚNA

Ainda soa muito estranho a chamada política de “proteção” ao índio. Um absurdo. Que espécie de proteção é essa que silencia a voz indígena; que desrespeita nossas crenças, nossos costumes, nossos valores, nossas histórias, nossas memórias, nosso direito de ir e vir? A chamada tutela está enraizada na noção de que os povos indígenas são atrasados. No Brasil e noutros países da América Latina, os indígenas são considerados como um empecilho ao progresso. Paradoxo da tutela: numa mão a cruz. Na outra, uma espada.

PALIMPSESTO

Hoje verificamos uma crescente participação dos indígenas nos centros acadêmicos. Você é um exemplo, assim como Daniel Munduruku, doutor em Educação pela USP e Joaquim Paulo de Lima Kaxinawá, doutor em Linguística pela UnB. De que forma isso se torna essencial para a luta dos povos indígenas por seus direitos?

GRAÇA GRAÚNA

Olha só que interessante! Apesar das barreiras todas que nós indígenas enfrentamos para ter direito ao nosso lugar no mundo, o barco e o arco da história nos levam a um cenário incomum. Hoje, o indígena pode ser doutor, advogado, antropólogo, sociólogo e jornalista, entre outras profissões que se destacam na sociedade envolvente. Ora, se olharmos para a Constituição Federal de 1988, vamos encontrar algumas brechas para o indígena na sociedade brasileira. Mesmo assim, paira um olhar sobre o exótico, o folclórico... Para ilustrar a questão, peço licença para trazer algumas informações acerca do “Curso Dimensões da Cultura Indígena 2015”. Promovido pelo Ministério da Justiça, junto à FUNAI e ao Museu do Índio do Rio de Janeiro, esse Curso trata do protagonismo indígena em educação, literatura e política. Conforme a organização do evento, a novidade é a presença de professores indígenas de diversas etnias ministrando as aulas, entre 20 e 30 de julho. Constam do Curso os seguintes nomes e respectivos temas:

- Luiz Henrique Eloy (Terena, doutorando em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ) – Terra tradicionalmente ocupada: o local de direitos coletivos; MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA (GRAÇA GRAÚNA) (Potiguara, doutora em Teoria da Literatura/UFPE) – Literatura indígena: entrelugar, memórias e utopias;

- Maria das Dores de Oliveira (Maria Pankararu) (Pankararu, doutora em Linguística/UFAL) – Ofayé, a língua do povo do mel;
- Gersem José dos Santos Luciano (Baniwa, doutor em Antropologia/UnB) – Educação para manejo do mundo: o desafio da escola indígena;
- Mesa redonda sobre educação e cultura indígena – Jera Poty Mirim (Guarani/SP), Lucas Benites Xuru Mirim (Guarani/RJ), Jucimar Paikyre (Bakairi/MT) e Algemiro Poty (Guarani/RJ);
- Wanderley Dias Cardoso (Terena, doutor em História/PUC-RS) – A história da educação escolar para o Terena;
- Daniel Munduruku Monteiro Costa (Munduruku, doutor em Educação/USP) – O caráter educativo do movimento indígena brasileiro: o estado da arte;
- Rita Gomes do Nascimento (Potiguara, doutora em Educação/UFRN) – Panorama -atual da política nacional de educação escolar indígena: perspectivas e desafios;
- Tônico Benites (Guarani Kaiowá, doutor em Antropologia Social/Museu Nacional/UFRJ) – A trajetória e a luta contemporânea dos povos Guarani, subgrupos Mbya, Ñandeva e Kaiowá;
- Mesa redonda sobre a mulher indígena na universidade – Nelly Dollis (Marubo/AM), Simone Eloy (Terena/MS) e Sandra Benites (Guarani/RJ).

PALIMPSESTO

Como se desenvolveu a sua trajetória no meio acadêmico e na literatura? Seu objetivo sempre foi estudar literatura? Fale também um pouco de seu trabalho na Universidade de Pernambuco e sobre a sua atuação com seus *blogs* no mundo digital, por favor.

GRAÇA GRAÚNA

Meu histórico escolar, antes de chegar à Universidade, é bastante fragmentado. Minha família vivia mudando de um lugar para outro, em busca de melhores condições de vida. Devido a tantas mudanças, não parei em escolas. Ouvei falar num tal de Supletivo, na verdade chamava-se Curso de Madureza. Não sabia direito o que era, mas topei o desafio; estudar sozinha, enfrentar o desafio. Desenvolvi o gosto pelos estudos e me atrevi a entrar na Universidade. Fiz Jornalismo, pela metade; entrei, depois, em Filosofia e larguei o curso no meio do caminho porque morava longe da Universidade e não tinha condições financeiras para continuar a vida acadêmica e criar os filhos, tudo ao mesmo tempo. Essa aventura acadêmica aconteceu na época em que as rádios tocavam a música “Pequeno burguês”, do Martilho da Vila. Lembro um trecho:

Felicidade!
Passei no vestibular
Mas a faculdade
É particular
Particular!
Ela é particular

Particular!
Ela é particular...

Já conhecia literatura, digo; sempre gostei de literatura, música, poesia... para mim tudo tem a ver com tudo. Dos mais velhos ouvi muitas histórias, versos de cordel, por exemplo. Mas antes de ler em livro mesmo, aprendi as letras na cartilha de ABC. Conforme o figurino da cidade grande, aos poucos, fui aprendendo a botar as ideias no lugar. Fiz muito vestibular, passei em todos; mas não tinha condições de estudar. Certo dia, decidi que eu faria o último vestibular. Optei por Letras, na época do vestibular unificado. Entrei na UFPE e fui fazendo o que eu intuía que era meu direito fazer; com a

cabeça voltada pra Literatura... e pegando o bicho pelo chifre (risos), me formei, dedicando-me à cultura e história indígenas. Também trato dessas questões no campo virtual. Pensei que ser “blogueira” fosse coisa de outro mundo e de certa forma é. No entanto, consigo lidar um pouco com as novas tecnologias. Para mais informação, convido os seguidores da Revista Palimpsesto para visitar os meus blogs: <http://ggrauna.blogspot.com.br/> e <http://www.tecidodevozes.blogspot.com.br/>. Em 2009, o meu blog recebeu do Topblog um certificado como um dos cem mais votados do Brasil.

PALIMPSESTO

Quais pensadores/autores e obras que mais te inspiram?

GRAÇA GRAÚNA

Sou uma devoradora de livros e profunda admiradora daqueles(as) que lutam pela liberdade, pela igualdade, pelo respeito às diferenças, pela paz no mundo. No campo das Letras, tem um leque de manifestações que admiro bastante: a poesia de Cecília Meireles, Drummond, Bandeira, Gonçalves Dias e de Manoel de Barros, entre outros. A prosa quixotesca de Cervantes, a “Pedagogia da Indignação”, do revolucionário Paulo Freire, e as narrativas vigorosas de Graciliano Ramos, entre outros. A poesia do mapuche Elikura, de Rilke, Florbela Espanca, Fernando Pessoa, Cesário Verde e Saramago, entre outros. O pensamento de Terena, Ailton Krenak, Moura Tukano, Gersen Baniwa e Maninha Xukuru entre outros parentes indígenas que sonharam e sonham, lutaram e lutam por um mundo mais justo para todos.

PALIMPSESTO

Em um artigo do professor José Bessa (UERJ), intitulado “O menino Jesus Arhuaco”, vemos que a escrita nas sociedades indígenas não seria apenas alfabética, mas também está presente nos colares, nas pulseiras, nas redes, nas cestas, nos tecidos. Em

sua palestra, você falou sobre a água, que ela possui uma memória- Poderia compartilhar um pouco de sua sabedoria e de sua visão sobre essas outras formas de escrita e de ler o mundo?

GRAÇA GRAÚNA

Gosto muito das coisas que o amigo Bessa escreve, a exemplo do artigo que traz o belo e instigante poema “Caminhante”, escrito pelo menino-poeta-indígena colombiano, conhecido também como Jesus Arhuaco. Nesse artigo, outra coisa que me chama a atenção é a fala de uma anciã; ela diz, à maneira dos nossos anciãos, das nossas anciãs, dos nossos indígenas que os colares, as esteiras, as pulseiras, as redes e outros artefatos que tecemos fazem parte da nossa escritura. Temos essa ciência. Isto faz parte dos nossos saberes. Desde criança aprendemos a valorizar a nossa história, a nossa cultura, o nosso jeito de ser e de viver, ainda que tudo isso seja desvalorizado pelo “branco” ou, como reza o dizer politicamente correto, pelo “não indígena”. Sempre ouvi do meu velho pai que a água tem memória, que ninguém a impede de seguir o caminho. Tenha pau ou pedra pelo caminho, a água enfrenta e segue. Acho essa imagem forte porque traz muito significado e aprendizado. Meu pai pescava no mangue, pegava caranguejo, “unha de véio” (um tipo de ostra), muçum (um peixe preto comprido feito cobra) e outros frutos da maré pra garantir a nossa sobrevivência. Parte da minha infância e adolescência foi assim, entre a maré ajudando meu pai e a máquina de costura, o desenho e o artesanato que aprendi com a minha mãe. A água, o fogo, a terra, o ar, o tempo, a história e a luta ajudam a gente a ler as coisas do mundo. Penso que os meus filhos e netos herdaram um pouco desses saberes. Aprendi a ser o que sou desse jeito: desde os antigos é assim.

PALIMPSESTO

Em uma poesia, você diz "Ao escrever,/ dou conta da ancestralidade;/ do caminho de volta,/ do meu lugar no mundo". Em sua opinião, de que forma a arte literária contribui para encontrar seu "lugar no mundo"?

GRAÇA GRAÚNA

Desde que eu me entendo por gente, aprendi a juntar algumas letras e rabiscar no papel as conseqüências que o saber do outro pesaria sobre mim ou aliviaria o meu ser. Em meio a tantas inquietações, escrevi o poema que você citou; escrevi há muitos anos e por muito tempo também o rabisquei repetidamente em tiras de papel para marcar minhas leituras. À medida que eu marcava os livros com as tiras de papel, o meu pequenino poema sugeria para mim algumas perspectivas. Eu me perguntava e me pergunto ainda sobre o meu estar no mundo. A cada leitura de mim e do outro, foi se ampliando a minha busca por um lugar no mundo. É algo semelhante ao que estampeei em outro poema que escrevi também há bastante tempo. Atrevidamente, escrevi originalmente em espanhol e depois em português (ou na língua do colonizador, como alguns parentes costumam dizer). Refiro-me ao poema “Canção peregrina” que trata de um cantar doloroso que vem desde o exílio; um cantar tecido de um colar com muitas histórias de diferentes etnias. Desse modo, encontro na Literatura (oral ou escrita) a força que eu também preciso para sobreviver aos “bulliyings”, pois ainda escuto (direta e indiretamente) dentro e fora da sala de aula que índio não é gente. Pelo não silenciamento das vozes indígenas, permita-me apresentar um trecho do referido poema:

Eu tenho um colar
de muitas histórias
e diferentes etnias.
Se não o reconhecem, paciência.
Haveremos de continuar
gritando
a angústia acumulada
há mais de 500 anos.

PALIMPSESTO

Embora não seja possível limitar as Literaturas Indígenas a classificações, podemos entendê-las a partir de uma literatura da experiência e de oposição àquilo que foi imposto? Como se dá a relação entre literatura e os costumes, entre ficção e realidade? Também gostaria que comentasse sobre a questão identitária presente nesses escritos.

GRAÇA GRAÚNA

Creio que a resposta para esta questão parece contemplada na pergunta anterior. Assim mesmo, tomo a liberdade de responder acerca da questão identitária com o poema intitulado “Feitura de Tupã”, que eu escrevi em 1999 e dediquei-o ao poeta Gonçalves Dias:

Quando Marabá deixou a tribo
não foi por querer.
Sendo filha de quem é,
enfrentou as duras penas
de ser o que é
filha da mistura, Marabá, apenas.

Quem há de querer?

Se acaso feitura não é de Tupã,
quem define a história
dessa índia-meio-branca
dessa branca-meio-índia?

Quem há de querer
de Marabá as penas?

PALIMPSESTO

Em tempos de uma crise agônica em relação à nossa vida no planeta Terra, gostaria que falasse um pouco sobre a relação entre homem e natureza nas sociedades indígenas.

GRAÇA GRAÚNA

Porque a Mãe Terra está exaurida de tanto sofrimento, peço licença, mais uma vez, para responder à questão com o poema "Caos climático" que escrevi em outubro de 2009:

É temerário descartar
a memória das Águas
o grito da Terra
o chamado do Fogo
o clamor do Ar.

As folhas secas rangem sob os nossos pés.
Na ressonância o elo da nossa dor
em meio ao caos
a pavorosa imagem
de que somos capazes de expor
a nossa ganância
até não mais ouvir
nem mais chorar
nem meditar,
nem cantar...
só ganância, mais nada.

É temerário descartar
a memória das Águas
o grito da Terra
o chamado do Fogo
o clamor do Ar.

PALIMPSESTO

A lei 11.645/08 estabelece a obrigatoriedade de se estudar em sala de aula a história e a cultura indígenas. De que forma tem visto a implantação dessa lei nos dias de hoje? Em sua opinião, quais as maiores dificuldades para colocá-la em prática de forma efetiva? Algum conselho aos professores?

GRAÇA GRAÚNA

Ao pensar na necessidade de diálogo entre literatura, educação e direitos humanos – a começar pela história e pela cultura na percepção indígena, infelizmente a Lei 11645/08 ainda é pouco estudada nas escolas brasileiras. A propósito, cabe até perguntar de que forma os professores, as professoras do ensino fundamental, médio e do meio acadêmico estariam dispostos a perceber o direito a liberdade, justiça e respeito dos diferentes povos indígenas. Será que a Lei 11.645/08 traz respostas para isso tudo? A propósito, cabe também frisar que não está fora da validade refletir acerca da morte do índio pataxó Galdino, como mostra Paulo Freire, em “Pedagogia da Indignação” (2000, p. 31): “Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgenticando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer”.

PALIMPSESTO

Por fim, conte-nos um pouco sobre o livro *Memórias do movimento indígena do Nordeste*, lançado aqui na UERJ.

GRAÇA GRAÚNA

O livro *Memórias do movimento indígena do Nordeste* é fruto de um trabalho indígena coletivo, junto à ONG Thydêwá. Sebastián Gerlic, responsável pela ONG, é um dos articuladores do Projeto “Índios na visão dos índios”, uma coleção que até a presente data está na sua 27ª edição. Como o próprio título sugere, o destaque é o pensamento indígena de uma região que, a exemplo de outras regiões brasileiras, retrata a diversidade cultural tão peculiar em nosso país. Em meio a versos e contações de histórias, o livro apresenta também um capítulo intitulado “Percursos cartográficos do movimento indígena do Nordeste” com depoimentos sobre a transposição do Rio São Francisco e outros relatos críticos acerca de uma realidade que muitos brasileiros desconhecem. Recentemente, realizei uma atividade com os alunos do 7º período de Letras da UFPE/Campus Garanhuns. Pedi que relatassem a experiência de terem lido obras de autoria indígena. Nos relatos reafirmaram o interesse pela problemática indígena no sentido também de realizarem pesquisas sobre o protagonismo indígena. A Thydêwá continuará apoiando mais publicações de autoria indígena, uma delas destinada ao público infantil. Aproveito a oportunidade para sugerir uma visita aos sites www.mulheresindigenas.org e www.thydewa.org, onde, se desejarem com fins educacionais, podem obter gratuitamente o livro *Pelas mulheres indígenas* e outras importantes publicações de autoria indígena.

PALIMPSESTO

Agradeço imensamente por esta entrevista usando a saudação “Que Ñanderu nos acolha”, como você sempre faz. Desejo que possamos cada vez mais aprender com as vozes indígenas e que possamos caminhar juntos para um mundo melhor, celebrando as diferenças.

GRAÇA GRAÚNA

Agradeço o carinho, a atenção e a todos(as) desejo que Ñanderu, Deus, Tupã e todos os Orixás nos acolham pelo caminho que se faz caminhando.

Como citar este artigo:

GRAÚNA, Graça. Entrevista com Graça Graúna, escritora indígena e professora da Universidade de Pernambuco: por Tarsila de Andrade Ribeiro Lima. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 20, jan.-jun. 2015, p. 136-149. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num20/entrevista/palimpsesto20entrevista01.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507